

A estrada de tijolos amarelos

Um conto de Ronei Baldissera

Ele a viu sair do bar com outro homem. Alguém que Ela conheceu em algum lugar do passado. Fez aquilo de propósito, como vingança pelo comportamento impensado dele. O rapaz abriu a porta da rua e Ela virou e olhou para Ele de pé no balcão do bar. Um olhar que misturava indiferença e tristeza. Naquele momento, Ele soube que não iria mais vê-la. Dessa vez, o olhar dela foi diferente. Das outras vezes, havia sempre um pesar, uma reticência. O amor havia arrefecido no coração dela, ou Ela disfarçou muito bem, e seus caminhos estavam separados. Assim que Ela saiu para o ar frio da noite, Ele cerrou os dentes e um vazio tomou conta de seu estômago. Engoliu em seco e apertou o copo com a mão. Enfim, estava sendo punido pelo mal que causara. Não, nunca havia levantado a mão para Ela. Sempre fora carinhoso. Mas só quando quis. Havia ocasiões em que Ele precisava dar vazão aos seus desejos, ou seriam caprichos de um homem autossuficiente e individualista? Ele nunca pensou que esse instante chegaria. Todas as vezes, eles se reconciliaram e a convivência voltava a amalgamar o relacionamento. Os momentos que passavam, então, eram de pura cumplicidade e alegria. Afastou esses pensamentos prevendo o sofrimento que viria de esteira. Voltou-se para o bar e pediu uma dose. Cerveja não seria o suficiente. Beberia apenas uma dose de algo forte. Não ficaria bêbado, pois queria sentir o amargor da rejeição em toda sua pujança. Não, nunca foi um homem que fugia da dor. Do gosto metálico e seco do desgosto. Precisava sentir nos ossos todo peso de seu desastre. Só assim, os resquícios do fato seriam amenizados. Somente vivenciando o abismo reconheceria o caminho de volta à luz.

Ela se surpreendeu com o próprio olhar. Achou que talvez tudo transcorresse como havia planejado. Uma lição definitiva. Mas, assim que se voltou e olhou nos olhos dele, soube que algo se quebrara definitivamente. Dentro dela, um vazio surgiu. Um buraco onde antes havia algum amor, alguma ternura. Como pode que algo tão intempestivo tenha lhe pego de surpresa? Sempre tão cuidadosa com suas emoções e então, o quê? De uma hora para outra, simplesmente foi tragada em uma espiral de entrega que lhe custou algumas feridas, muitas delas fantasias sobre a dor de outros com os quais faltara. Uma contradição que pulsava sempre que os dois se encontravam, principalmente depois que Ela resolveu colocá-lo no limbo. Mais um comportamento reprobatório. Não se reconhecia absolutamente. Antes, o que terminou, acabava de uma vez por todas. Dessa vez, ficou em cima do muro. Queria aqueles braços e aquele corpo por cima do seu, aquele sexo invadindo seu ser. Sim, por isso resolvera tomar essa decisão, era inevitável. Tudo se resumia a um capricho luxuriante. Naqueles momentos, tudo o mais desaparecia e os dois se encontravam no seu próprio mundo, um sonho contundente e abrasador. Tudo o mais, todos os outros eram acessórios dispensáveis. Peças que não tinham nenhuma utilidade para a

manutenção do prazer indizível que Ele lhe proporcionava. Sentiu o vento frio do inverno em cheio em seu rosto. Puxou a gola do casaco e ajustou a manta de lã em torno do pescoço. Seus cabelos longos sob o gorro esvoaçavam com o vento seco. O rapaz ia ligeiramente na sua frente. Um amigo? Um cara que Ela reencontrou depois de muito tempo. Serviu ao seu propósito. Era muita crueldade simplesmente despachá-lo assim, sem mais nem menos. O rapaz virou o rosto para Ela e deu um sorriso. Ela sorriu sem graça com o canto da boca chocha. Uma convenção simplesmente. Não, não iriam pra sua casa, não iriam pra sua cama. Isso Ela não faria. Tudo ainda estava muito fresco na memória e na pele. Continuou caminhando, desejando que a rua não acabasse mais. Um caminho eterno e infinito no qual Ela estaria a salvo de qualquer outra decisão que não só caminhar. O tempo passando, as rugas tomando conta de seu rosto, as articulações enrijecendo e a visão turvando. Até que o momento derradeiro chegasse e Ela simplesmente esquecesse de tudo que fez. Dizem que o perdão liberta. Ela ainda estava aprisionada, por demais.

Ele achou que apenas um trago de algo forte seria suficiente, mas se enganara. Precisava escolher: a bebida ou a raiva. Um homem se encostou nele, junto ao banco onde estava sentado no balcão do bar. Ficou ali, se esfregando como se não houvesse outro lugar disponível. Falava com uma garota que estava sentada ao seu lado. Por isso, se intrometeu entre os dois. Ele teve o ímpeto de interpelar o homem, mas se conteve. Pediu uma bebida igual a que a garota estava tomando e ofereceu para Ela. Não fez um tiro no escuro, simplesmente. Já tinha notado que a garota estava de olho. Não estava com disposição para aventuras amorosas naquela situação, mas o homem intrometido merecia uma lição. O sorriso da garota ao aceitar a bebida foi a senha. Ele pediu licença de forma dura e incisiva e puxou a cadeira para perto da mulher, o que fez com que o homem ficasse sem saber como se comportar. Elevou a voz para a garota falando sobre algo que parecia importante, mas Ela não deu bola. Ele olhou sério para o homem e pediu que se retirasse, mas o homem estava com o orgulho ferido e decidiu partir para um pequeno confronto. Porque será que muitos homens precisam afirmar sua virilidade dessa forma? É bem verdade que a garota, apesar de haver aceitado a aproximação dele, não fez qualquer movimento para despachar o homem, o que poderia indicar que Ela se importava com o que o homem fosse fazer, ou pensar, ou sentir. Dessa forma, a garota também reafirmava a postura do homem, pois evitava tomar uma decisão. Talvez quisesse contemporizar e manter uma interação amistosa com todos, algo que, em geral, as mulheres sabem fazer: manter a coesão do grupo. Mas o homem estava nitidamente incomodado com a situação e queria o confronto. Ele estava começando a se irritar e começou a pensar nela. Quando saíam para tomar um trago e dançar isso nunca acontecia. Eram os parceiros perfeitos. Se procuravam durante todos os momentos. Estavam em um mundo próprio no qual podiam conversar ou dançar com quem fosse. Qualquer traição estava fora de questão. Isso mudara. Hoje, Ele a vira sair com outro homem e o ciúme aflorou.

Estavam perto da rua da indústria. Ela sentiu que o momento precisava de algo um pouco mais drástico. “Venha”, disse ao rapaz que a acompanhava. O rapaz parou e olhou por cima do ombro. Disse que estava indo encontrar uns caras. Ela pediu que lhe acompanhasse numa aventura maravilhosa. O homem olhou para Ela e deu um sorriso sarcástico. Ela soube que estava descoberta. Rindo-se, o homem perguntou para onde. Vamos para a avenida da indústria. Quem sabia de onde estavam falando se

comportaria como o homem. Uma avenida larga e comprida na qual se descortinavam vários recantos nem sempre suaves. Dobraram uma esquina à esquerda e entraram numa rua larga com um canteiro central com várias árvores. A noite fria e escura se debruçava sobre a paisagem. Ela e Ele já tinham percorrido essa rua inúmeras vezes. Naquele tempo, andavam sempre de mãos dadas quando sozinhos. Ele sempre queria, mas Ela negava sua vontade quando em bandos. Precisavam ser discretos para não ferir sentimentos. Essa parte oculta foi ideia Dela. De alguma forma, precisava conseguir equilibrar a rejeição que impingira a outrem com o êxtase que sentia com Ele. Naquele dia, soube que isso não poderia ter dado certo. Ela só estaria inteira se escolhesse e isso significava abrir mão. Ou teria uma parte, ou teria nada. Subindo aquela rua escura e fria, sentiu a impotência de tentar controlar tudo. De tentar se livrar de uma culpa futura. Assim que o fez, imediatamente criou uma culpa. Sentia-se esclarecendo vários aspectos que ficaram em segundo plano. Ela e o rapaz subiram a rua e chegaram ao topo do morro de onde se descortinava a área da indústria. A fumaça das chaminés se elevavam contra o fundo de estrelas esmaecidas pela luz da lua crescente, quase cheia. A imagem era linda, mas Ela sabia o que aconteceria logo adiante. Beleza e horror, tudo o que Ela estava sentindo, se revezariam dali pra frente conforme desciam a rua.

Finalmente, o homem desenganou e deixou Ele a sós com a mulher. Imediatamente, Ele pediu desculpas e saiu do balcão. Precisava fumar. Hábito que retomara depois de começar com Ela. Percorreu o salão do bar passando por mesas sem olhar com atenção às pessoas que estavam sentadas. Sua mente estava em algum lugar entre o passado imaculadamente passional e o presente no qual fazia força para controlar o pânico. Seu estômago revirava ainda. Precisaria de mais algumas doses para se anestésiar. Saiu para o ambiente de fumantes. Pegou o cigarro da carteira e acendeu. Deu uma longa tragada já sentindo os vapores apaziguarem seu plexo solar. O instante sereno deu espaço para pensamentos mais racionais. Como pudera pensar que Ela abandonaria tudo para ficar com Ele? Por mais deslumbrante que fora toda a história que passaram, na hora que Ela teve que decidir, a dúvida foi mais forte. Ele não teve dúvidas. Simplesmente, abandonou tudo que estava em seu caminho para tê-la, para que pudessem continuar sonhando juntos o que fariam quando fossem um do outro, sem intermediários. Talvez esses sonhos tenham sido demais para Ela. A perspectiva de se entregar de corpo e alma deve ter dado vertigem e Ela precisou recuar. Em vez de escolher se jogar, abrir as asas e voar, escolheu morder o lábio, franzir a testa e se agarrar ao passado. Naquele momento da relação, Ele soube que perdê-la era questão de tempo. Quando estava com Ela antes daquele dia fatídico, sentia que poderiam realizar qualquer coisa, por mais maluco que parecesse. Viveu, então, a fantasia que construiu em sua mente desejando ardentemente que se concretizasse. Mas tudo que sobrou foi a saudade do que não houve. Era estranho que o cérebro tenha vivido a imaginação como se a realidade fora. Substâncias químicas mobilizadas e liberadas transitando por caminhos dentro da cabeça, criando sensações físicas a partir de ilusões mentais. Tudo o que Ele fantasiou, todas as situações que criou, lhe davam um sentimento de realização, de completude. O que seria mais trágico, viver a realidade e perdê-la ou imaginar uma realidade sem concretizá-la?

Começaram a descer a rua em direção à indústria. Ela sabia o que aconteceria. Um sofrimento necessário para alguns e inútil para outros. Ela precisava se lembrar

que não tinha absolutamente controle sobre o que desejava que se passasse. No meio da descida, começaram a percorrer a cerca da indústria. Grandes edifícios se alinhavam em uma linha de produção que iniciava com uma sentença de morte e terminava em produtos alimentícios. Conforme passaram pela entrada da indústria ao final da lomba, iniciaram a subida do outro lado e a chaminé com a fumaça mórbida se agigantava. O vapor encobria o céu e a luz da lua perpassava intermitente esses gases. A beleza pode estar mesmo no mais infame dos acontecimentos. A lua imponente jogava sua prata sobre os dois. Ela ia na frente, decidida. O rapaz vinha atrás, com as mãos nas costas cômico de que estava sendo manipulado por aquela mulher. Ela era baixa e um pouco truncada. Suas ancas eram largas e os glúteos protuberantes balançavam no ritmo dos passos decididos. Sim, o rapaz pensou, Ela era decidida, sabia o que queria, ou sabia disfarçar muito bem. Bom, ao final, mesmo que alguém esteja indo para sua própria execução, deve ir com a cabeça erguida e a petulância de desafiar aqueles que o sentenciaram. Essa é a única forma de manter um pouco de integridade e elegância frente ao desfecho inevitável. De vez em quando, Ela tomava um gole na garrafa de cerveja que segurava com as mãos firmes no gargalo. Súbito, muito tênue se descortinavam alguns sons. O vento estava subindo o morro da indústria junto com eles. Demorou um pouco para que esses sons tomassem forma. Ela pensou que alguém que ouvisse aqueles timbres ficaria incomodado, precisaria ficar. Mas sabia que não. Muitos não ficavam. Assim como muitos praticavam atos os mais horrendos baseados em justificativas rasas. Ao final, o crucificado é sempre o outro. Não é comigo. Não é da minha família. É um cara legal, de bem. É trabalhador honesto. O outro é sempre a escolha definitiva e tranquilizadora da consciência. Mais ainda se o outro for não-humano. Humanos são recursos importantes e imprescindíveis. Menos para a evolução da consciência, mais para a involução dela. Sem humanos cumpridores não haveria a ilusão de obrigações vazias de existência.

Ele soltou uma baforada do terceiro cigarro, que acendeu na bagana do segundo. De alguma forma transcendente, Ele estava ligado a Ela. Sentia o que Ela sentia. Sabia que Ela estava angustiada, se sentindo culpada por ter que escolher o vazio. Ele tentava controlar suas emoções da melhor forma. Sua vontade era sair correndo porta afora e farejar o cheiro dela pela rua fria e escura. Subitamente, decidiu algo. O fardo da indecisão era insustentável em seu coração. Sabia que Ela não queria ser descoberta. Ou queria? Ora bolas! Mesmo que o quisesse, Ele precisava manter seu amor-próprio. Qualquer relacionamento baseado em tensões desnecessárias para funcionar está fadado ao esquecimento. Se sucumbisse aos caprichos dela estaria sentenciado à fraqueza de espírito. Se transformaria em um brinquedo nas mãos dela. Ela era muito inteligente e saberia tirar proveito, mesmo que inconscientemente, da sua indecisão. Além disso, que mulher queria um homem fraco? “Seja mais egoísta”, foi o comentário dela um dia antes. Ele precisava pensar em si mesmo em primeiro lugar. Mas isso era quase intransponível. Sua criação fora toda baseada na necessidade de cumprir ordens. Fora forjado para servir e, ao mesmo tempo, para sentir a culpa ferrenha de sempre achar que seus esforços eram em vão. Finalmente, quase derrotado, encostou a mão na parede, deu uma tragada no cigarro forte com o filtro vermelho, olhou para o chão. Abriu a boca e o ácido gástrico começou a sair. Convulsões no estômago levavam o caldo até sua boca. Ficou ali, sozinho no espaço dos fumantes, vendo aquele suco espesso e ácido cair aos seus pés.

Na mesma hora, o horror se abateu sobre Ela. Agora, os sons que Ela e o rapaz ouviam eram nítidos. Gritos quase humanos rasgando o ar denso do inverno. Misturado a isso, vapores nauseabundos flutuavam até seu nariz. Uma mistura de esterco e hormônios que o medo produz no corpo dos animais. Ouvira falar que esses gritos sempre aconteciam, mesmo entre os animais soltos. Mas isso para Ela era inócuo. Seu horror só crescia conforme os gritos ficavam mais próximos e mais frequentes. Parou em frente ao portão de onde o caminhão fétido havia saído. O rapaz parou um pouco mais afastado, indeciso. Subitamente, o rapaz sabia que Ela faria algo inusitado. Na hora, se precipitou sobre Ela, mas era tarde. Ela se colocou de frente para o portão de ferro que estava entreaberto. As pernas abertas e o queixo para cima. As mãos na cintura. Só faltou a fantasia de Mulher Maravilha. Gritou para o porteiro, incitando-o a sair e enfrentá-la. O homem ficou lá durante um bom tempo, olhando para Ela sem entender nada. A entrada do local não era superprotegida e era meio inusitado que alguém interagisse de forma mais incisiva. O homem colocou a cabeça para fora da construção apertada e gritou que fosse embora. A reação dela foi se adiantar marchando para dentro do pátio da indústria, cantando algo com uma letra que lembrava o genocídio. Ao passar pela portaria, olhou nos olhos do porteiro atônito e gritou que ele fazia parte daquela chacina sem sentido. O porteiro levou algum tempo para se orientar. Olhou para o rapaz do lado de fora que estava tão ou mais surpreso. Subitamente, Ela começou a gritar palavras de conforto para os animais no corredor da morte. Se transformou em uma mãe protetora que estava indo salvar seus filhotes atravessando pilhas de lenhas combustível do morticínio que ocorria naquele lugar. Talvez a indústria que sustentava muito da estrutura pública com seus impostos. O porteiro acionou seu rádio e avisou os seguranças. O segurança que atendeu o chamado disse que já sabia de quem se tratava. Que essa “mulher maluca” já havia feito isso antes. Ela entraria no chiqueiro e abraçaria meia dúzia de porcos. Depois, faria um discurso e iria embora. Por via das dúvidas, o segurança falou que já estava indo retirar a mulher. Dentro de alguns minutos, Ela vinha sendo carregada por dois seguranças. Literalmente, os pés dela estavam no ar enquanto os homenzarrões a levavam pelos braços para fora do pátio. O rapaz estava sentado no meio-fio do outro lado da rua. Ela saiu como se nada tivesse acontecido e convidou o rapaz para continuar a caminhada. Cada vez que Ela precisava se lembrar da sua impotência, fazia isso. Isso lhe lembrava do pouco controle que tinha sobre o que achava que era justo. Isso lhe trazia alívio, pois a culpa acompanha aqueles que, de alguma forma, supõem que seus pensamentos e atos são mais nobres, ou mais justos, ou mais humanos do que qualquer outra atitude de outrem. Ela lembrava que o mundo possui suas próprias engrenagens, que, em seu orgulho patético, achava que podia influenciar, alterando o rumo das coisas. Meu Deus, se não conseguia nem mesmo orientar sua própria vida, se entregando a caprichos vis. O tamanho de seu ego era diminuído então. Se colocava em seu devido lugar. Respirava de novo e o autodomínio se instaurava.

Ele se sentia melhor depois de expelir os sucos venenosos de seu organismo. Era mais que tempo de deixar pra lá. Olhou a carteira de cigarros e sentiu um asco violento. Jogou-a para longe. Respirou fundo algumas vezes como se acabasse de sair de um exercício aeróbico. Sentou-se com os braços apoiados nos joelhos, olhava para o chão. Subitamente, um par de pés surgiu. Pés femininos, perfeitos, enfiados em uma sandália rasteira. As pernas da mulher subiam nuas até as coxas, cobertas por uma saia esvoaçante. Uma voz suave perguntou se Ele estava bem. A mulher colocou a mão em seu ombro. Ele pigarreou e pediu licença. Saiu dali envergonhado e foi limpar-se no banheiro. O espelho nunca mente. É uma porta que pode levar a diversos caminhos.

Banhou o rosto com água fria. Ficou alguns instantes olhando seu reflexo. O que o definia? Endireitou o corpo, respirou fundo mais algumas vezes. Esboçou um sorriso. Bateu o pé esquerdo algumas vezes. Aos poucos, voltava do lugar em que começara a se meter. Sim, havia sido um *gentleman*. Isso precisava ser o suficiente para consolá-lo. O que os outros faziam estava fora de seu controle. Apenas a certeza de seus atos em conformidade com sua índole deviam ser suficiente para apaziguar o mundo, parando o carro desgovernado da montanha-russa em que se encontrava. Uma certa noção de liberdade assomou-lhe a consciência. Sim. Ao final, deveria ser grato pela oportunidade de poder rejeitar os impulsos rasos e evitar a prisão. Saiu do banheiro com nova disposição. Sentiu um mão em seu ombro. A mulher negra que lhe interpelara no momento sensível perguntou se se sentia melhor. Ele virou e pode estudar a mulher. Alta, esguia, magra com cabelos naturais escuros encaracolados sobre os ombros. Talvez quarenta anos. O rosto inquisidor ressaltava os olhos amendoados e os lábios carnudos. Ele fez que sim com a cabeça, agradeceu e começou a se virar para sair daquele lugar. Precisava de um ar novo para confirmar seu novo estado de ânimo. Saiu porta do bar afora. A luz da lua crescente bateu em seu rosto. Subitamente, era como se tivesse despertado de um sonho. Assustou-se com a mulher pedindo desculpas e perguntando se poderia lhe acompanhar. A negra surgiu ao seu lado. Um sorriso se abriu, descortinando os dentes alvos e covinhas nas bochechas. É interessante como decisões intempestivas tomadas em momentos críticos podem simplesmente ser dizimadas por um sorriso como aquele.

Agora, Ela caminhava ao lado do rapaz. Ele estava um tanto incomodado por tudo que acontecera, mas evitou fazer comentários. Ela estava mais calma. Contava para o rapaz alguma história sobre banhos de cachoeira e saudades do verão. Subiram a lomba em direção ao final da rua, lá onde havia uma volta para a esquerda. No topo da colina, a paisagem era ampla. Parte da cidade se debruçava sobre a planície silenciosa. Apenas o latido de alguns cachorros aqui e acolá. O caminho se abria e Ela andava com alívio. Aos poucos, o seu controle era retomado. Afinal, o mundo não acabara e não acabaria naquele dia. Talvez o mundo que desejara e rejeitara estivesse simplesmente fora do alcance e Ela já aceitava isso. Então, sua mente iniciou o movimento do futuro. Ela era assim. A ansiedade que se criava ao pensar sobre o que faria no futuro lhe trazia uma certa paz. Estava livre, finalmente. Ele fora o agente do abandono da vida pretérita. A vida que Ela tinha e que lhe aprisionava, mas que Ela não via. Precisou que Ele lhe tirasse daquela inanição que a normalidade cria. Tudo se assentou de tal forma que as atividades transcorriam dia após dia, mas Ela estava cega para a poeira e as teias de aranhas que se formavam em sua consciência. Enfim, relembrou um tempo em que o desafio e o imprevisto eram combustíveis para sua existência. Sim. Finalmente, sabia, ali, caminhando naquela estrada de tijolos simétricos cinzas que o Universo resolveu lhe dar uma nova chance. Que o caminhar era mais importante do que o chegar. Que o chegar era a morte do movimento. E tudo é movimento. Quanto tempo demorou para perceber que o desejo de encontrar estabilidade era uma ilusão jogada aos olhos de todos pelos brincalhões que criaram essa simulação para fazer com que a novidade inexistisse e que tudo fosse igual em todos os lugares, inclusive o diferente. Robôs acordando, tomando um café qualquer, jogando uns trapos sobre o corpo, saindo para a rua para legitimar sua existência vazia. Decidira, ali mesmo, ao lado daquele rapaz simpático que abraçaria a vida desbragada, inusitada, selvagem.

Ele caminhou lentamente ao lado da moça, que exalava um frescor revigorante. Ela não evitou tocar no assunto delicado do porque havia o encontrado naquele estado deplorável. Mais ainda, Ela surpreendeu-se pela mudança dele durante o tempo no banheiro. Sim, havia já algum tempo que Ele decidira que contaria os fatos que ocorriam sem esconder nada. Queria viver na luz, na verdade. Falava com qualquer um sobre as coisas de sua vida, pois tudo devia ser exposto para poder ser lavado das impurezas do engano. A moça ouviu atentamente, polida. Seu semblante permaneceu impávido durante todo tempo e isso agradou a Ele. Sem julgamentos. Ledo engano. A moça se ressentiu. O impacto do estado de ânimo da moça foi perceptível. A moça se desculpou, se despediu e disse “Boa sorte”. Ele restou em pé, sob um luar prateado ao som do farfalhar das árvores. Respirando. Um som de silêncio que perpassa a percepção cotidiana. E foi aí que tudo mudou, pois Ele viu Ela passar no carro vermelho silencioso que cruzou a rua diante de todos.

Ela gelou. Pensou que estava imune, mas bastou olhar nos olhos dele. Um estado de torpor tomou conta dela. E o vazio se pronunciou e se estendeu até que desapareceu. O pé de vento que trouxe a novidade que veio dar no carro vermelho sobre rodas borrachentas se foi. Tudo que restou foi a visão do acontecido, incólume ação rasgando o tecido tênue entre as sensações que incitam estados de realidade. Algumas compartilhadas com Ele. Ele soltou os braços ao longo do corpo e se entregou ao momento. A respiração estabilizou num certo ritmo e o movimento das partículas tomaram sentidos compartilhados. O que o futuro lhe reservava? Os dois pensaram ao mesmo tempo, longe de tranquilos quanto ao que isso significava. Porque o futuro era para ser Ele e Ela, mas ninguém falou isso para o tempo que lhes atropelou sob as rodas de um carro vermelho.